### UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

24

INSCRIÇÕES 108-112



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1988 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

## Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





## INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE SOURE

**Гото** 108

Nogueira Gonçalves, no seu inventário artístico do distrito de Coimbra, refere, a dado passo, num apontamento sobre o castelo de Soure:

«[...] As pedras romanas, do grande aparelho clássico, com os sinais dos ferros de luva ou com as mechas para os malhetes de bronze, encontram-se aí reempregadas em grande número e dão-lhe um aspecto especial, como adiante se verá. Na face interna da cortina norte vê-se um topo de grande lápide, tendo lateralmente o começo da moldura e das letras [...]» (1).

A oportunidade de, no local, se proceder a escavações arqueológicas, numa altura em que a Direcção Regional do Centro dos Edifícios e Monumentos Nacionais executava um projecto de recuperação do referido castelo, levou-nos à recolha deste monumento, cujos elementos tipológicos visualmente acessíveis susceptíveis de o classificarem como epígrafe romana eram, no entanto, mínimos, pois que somente uma pequena fracção de moldura se diluía no amontoado de pedras e argamassas que constituem a cortina norte da muralha.

Não foi fácil a retirada, já que o monumento, além de colocado como elemento estrutural de suporte, estava contíguo a uma casa de habitação, havendo, por conseguinte, a possibilidade de desabamento.

Todo o trabalho, feito com a colaboração de um pedreiro da Câmara Municipal, foi, pois, executado com o maior cuidado, até porque a pedra apresentava uma linha de fragmentação a todo o comprimento.

Inventário Artístico de Portugal — Distrito de Coimbra, IV, Lisboa 1952. 214. O sublinhado é nosso.

Verificámos, posteriormente, que a peça se encontrava partida na base, devido à pressão de um enorme bloco que sobre ela directamente assentava. Dificuldades técnicas obrigaram, na altura, à recolha de apenas uma parte do monumento, felizmente a epigrafada, tendo permanecido in situ a outra, a retirar em próxima oportunidade.

A peça ficou guardada nas instalações do futuro Museu Regional de Soure, numa casa a recuperar, junto da muralha principal do castelo.

Trata-se de um plinto (para uma estátua?), de calcário da região. De execução singela, apresenta-se corroído no campo epigráfico (pelos agentes atmosféricos e/ou por pressões?), o que dificulta a leitura da l. 1. O campo epigráfico encontra-se rebaixado e é envolvido por uma moldura de gola encurtada, cuidado-samente talhada. As faces laterais, não epigrafadas, têm moldura do mesmo tipo — o que se compreende, porque a peça, destinada a ficar encostada a um monumento, seria vista lateralmente.

Dimensões:  $(84) \times 48 \times 42$ . Campo epigráfico:  $(76) \times 38$ .

IM [sic] ME/MORI/AM AQVI/LI AEBICI / <sup>5</sup> F(ilii) AEBICVS / PATER P(onendum) [C(uravit)].

Em memória de Aquilus, filho de Aebicus, o pai, Aebicus, mandou erigir.

Altura das letras: l. 1: 6,5/7; l. 2: 7; l. 3 a 6: 6,5/7. Espaços: 1: 9; 2 a 6: 1; 7: 2; 8: 12.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda, sendo de assinalar o nexo AM na l. 3 e as inclusões CI, na l. 4, e CV na l. 5. Atente-se na grafia IM por IN (l. 1). Paleografia característica da primeira metade do séc. 1: os RR têm haste oblíqua a partir da pança e bastante prolongada; os BB apresentam pança inferior ligeiramente maior que a superior; hastes exteriores dos MM levemente oblíquas; OO bem redondos e Q feito a partir do O.

Que saibamos, na Península Ibérica, o antropónimo Aebicus apenas se documenta em Idanha-a-Velha, também como patro-

nímico (ILER 4616). Aeb- é radical pré-romano registado em Aebarus, por exemplo (2). Aquilus, porém, já é de origem latina (3).

#### ARTUR CORTE REAL

(Técnico do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro) \*



**Гото** 108

<sup>(2)</sup> Cf. M. Lourdes Albertos, Nuevos antropónimos hispánicos, «Emerita» 32, 1964, p. 214-215.

<sup>(3)</sup> Cf. I. KAJANTO, The latin cognomina, Helsinki, 1965, 227.

<sup>\*</sup> O Autor agradece a José d'Encarnação a orientação dada com vista à concretização deste trabalho.

Sobre a importância dos recentes achados epigráficos de Soure escreveu, aliás, José d'Encarnação uma primeira notícia no «Diário de Coimbra», de 23-6-1987, p. 5, sob o título Soure: Identificados importantes monumentos epigráficos romanos.

#### 109

### PLACA FUNERÁRIA ACHADA EM CONDEIXA-A-VELHA

**Foro 109** 

Placa funerária descoberta, ocasionalmente, por Carlos Beloto, em Setembro-Outubro de 1978, no interior da capela da Quinta de S. Tomé, freguesia de Condeixa-a-Velha, concelho de Condeixa-a-Nova (¹).

Não se encontraram aí outros vestígios romanos. É possível, por isso, que a peça tenha sido trazida da vizinha cidade romana de Conimbriga (²) e reutilizada como material de construção. O seu actual paradeiro é desconhecido; desta forma, a fotografia, em boa hora tirada por Carlos Beloto, é a única base possível para este trabalho.

<sup>(</sup>¹) A Quinta de S. Tomé é o antigo solar dos Figueiredos, de Condeixa (séc. xvi). A casa apresenta-se em ruínas e a capela permanece encerrada, estando a chave a cargo do sr. Aires, residente nas imediações, a quem agradecemos toda a colaboração prestada na pesquisa efectuada para se localizar a epígrafe. Manifestamos igualmente o nosso reconhecimento a Carlos Beloto, por nos ter facultado a fotografia, e ao doutor José d'Encarnação, por nos ter proposto e orientado este trabalho.

<sup>(2)</sup> Ai encontramos, na verdade, placas de tipologia idêntica (R. ÉTIENNE, G. FABRE, P. et M. LÉVÈQUE, Fouilles de Conimbriga, II, Épigraphie et Sculpture, Paris, 1976, n.ºs 40, 47, 52 e 60) e até gravadas em caracteres semelhantes (cf. ibidem, n.º 63).

Trata-se de uma placa de calcário, aparentemente de reduzidas dimensões (3). Apresenta-se incompleta do lado direito, de forma que falta a parte final das cinco primeiras linhas do texto. Campo epigráfico delimitado por moldura modestamente trabalhada.

Aqui jaz Márcia Itálica, de ... anos. Que a terra te seja leve. Álio Alexandre fez à esposa, modelo de indulgência e mui saudosa.

Caracteres actuários, muito juntos. O E apresenta as barras oblíquas. Paginação verosimilmente segundo um eixo de simetria (l. 2). Pontuação apenas na l. 2 (pontos), a separar as siglas da fórmula, e na l. 6, onde a hera exercerá uma função eminentemente decorativa.

Allius é o gentilício de uma importante família de Conimbriga, relacionada aliás com Aeminium e com Emerita, cidades onde igualmente se registam alguns Allii (4). De resto, o nome Allia surge ligado também a uma oficina de cerâmica (5), o que nos leva a considerar que a família dos Allii teria algum peso económico.

A gens Marcia não estava epigraficamente documentada, até agora, na epigrafia de Conimbriga. Trata-se, porém, de um gentilício bastante frequente na Lusitânia, designadamente no território da Egitânia (6).

Nenhum dos cognomes aqui registados se encontrava representado em Conimbriga: *Alexander* é de origem grega e tem poucos

<sup>(3)</sup> A fotografia não foi efectuada com qualquer elemento que nos servisse de escala. Contudo, pelo que conhecemos de outras placas semelhantes e atendendo ao módulo dos caracteres e ao facto de a l. 2 estar muito provavelmente paginada segundo um eixo de simetria, parece-nos, de facto, ser de pequenas dimensões.

<sup>(4)</sup> Fouilles II, p. 67 e inscrições n.ºs 36, 38 e 63.

<sup>(5)</sup> Fouilles, II, n.º 298.

<sup>(</sup>e) Recordamos, a título de exemplo, ILER 6379 (= AE 1961, 358 e 1967, 145), que refere o cavaleiro L. Marcius Avitus.

exemplos peninsulares (cf. ILER, p. 656); *Italica* pertence ao número dos cognomes geográficos (7) — indicará aqui realmente a naturalidade (o que nos permitiria fazer uma análise de movimentos populacionais) ou estaremos perante uma simples influência cultural? De qualquer modo, *Italicus* está muito escassamente documentado na Península Ibérica (cf. ILER, p. 705), conhecendo-se um *L. Cocceius Italicus* na Egitânia (ILER 5346 e 5348).

Apesar de não apresentar a consagração aos deuses Manes, o monumento poder-se-á datar da segunda metade do séc. II, atendendo à paleografia e à utilização dos superlativos — como também acontece, aliás, com o texto 45 de Conimbriga (Fouilles II, p. 73).

Ana Maria Gonçalves



**Fото 109** 

<sup>(7)</sup> I. KAJANTO, The latin cognomina, Roma, 21982, p. 180.

# MAIS UMA INSCRIÇÃO DE MOURISCAS (ABRANTES)

**Fото 110** 

Encontram-se expostos no recém-criado Museu Etnográfico e Arqueológico da Junta de Freguesia de Mouriscas, sem n.º de inventário, dois fragmentos de uma mesma placa funerária, provenientes das obras de demolição e posterior reconstrução da igreja matriz. Recorda-se que destas obras tinha já saído uma ara, a inscrição votiva a Alva, publicada no «Ficheiro Epigráfico» (= FE) n.º 1 — insc. 2, 1982.

Este monumento epigráfico, que faz lembrar uma outra placa — o epitáfio de Avitus — vinda de uma estação muito próxima (a menos de 500 m), o sítio das Aldeias (¹), apresenta duas linhas de fractura: uma, a mais antiga, que dá ideia de ter sido provocada intencionalmente a fim de reutilizar o bloco e que o terá dividido sensivelmente a 2/3 no sentido horizontal, tendo o terço superior desaparecido; a outra, ocorrida mais recentemente e decerto ocasional, deu-se na parte inferior restante no sentido longitudinal. São, portanto, estes dois fragmentos da parte inferior, perfeitamente ajustáveis entre si, o objecto deste artigo.

A superfície está relativamente bem alisada e a face inferior também. Um sulco pouco profundo e deficientemente lavrado

<sup>(1)</sup> Cf. José d'Encarnação e Joaquim Candeias Silva, Catálogo da epigrafia romana de Abrantes, in «Abrantes — Cadernos para a História do Município», Abrantes, 1982, p. 28-29.

delimita o campo epigráfico. Apesar de mutilado, o texto parece reconstituível na sua totalidade.

À direita das linhas 2 e 3, e tendo por eixo o traço picado que aí serve de moldura, pode observar-se uma estranha composição em que se destaca um círculo muito irregular contendo alguns rabiscos indecifráveis. Esta decoração, porém, não condiz com o esmero posto na paginação e na gravação do texto, pelo que é de admitir que seja um acrescento posterior.

Dimensões (dos dois fragmentos unidos):  $22 \times 57,5 \times 13$ . Campo epigráfico:  $(17) \times 38$ .

 $\begin{array}{c} \text{TALT[I]CVS} \ / \ \text{ARCONIS} \ / \ \text{F}(ilius) \ \cdot \ \text{H}(ic) \ \cdot \ \text{S}(itus) \ \cdot \ \text{E}(st) \ \cdot \\ \text{S}(it) \ \cdot \ \text{T}(ibi) \ \cdot \ \text{T}(erra) \ \cdot \ \text{L}(evis) \ \cdot \end{array}$ 

Aqui jaz Táltico, filho de Arcão. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: ?; l. 2: 4 (I = 4,3, O = 3,8); l. 3: 4 (H = 4,2). Espaços: 1: ?; 2: 1; 3: 1/1,5; 4: 3/3,2.

Ordinatio muito bem conseguida, em «caixa». Puncti circulares, à excepção do primeiro que tende a triangular. Caracteres do tipo monumental quadrado, bem verticais e de cuidadosa gravação; C e O bem arredondados; A largo e com travessão horizontal a meio da altura; TT, F, E e LL perpendiculares e de barras horizontais curtas; R de haste oblíqua longa a partir da pança; SS simétricos.

Quanto ao conteúdo textual, ele poderá suscitar algumas interrogações, mas parece não oferecer dificuldades de reconstituição.

Primeira questão: conteria a epígrafe mais do que as três linhas? Cremos bem que não, a avaliar tanto pela sua estrutura geral, como pela disposição do grafito que aparece à direita (o centro do círculo, a meio da l. 2, coincidiria certamente com o meio da moldura e da lápide), como ainda pelo paralelismo já estabelecido com a placa de Avitus — as duas placas têm a mesma espessura e teriam uma altura muito aproximada.

Segunda questão: a leitura da l. 1. Desde logo se torna evidente que são oito as letras que contém. Três delas (a 3.ª, a 7.ª e a 8.ª) não permitem leitura diferente da que foi dada; duas outras (a 2.ª e a 6.ª), pelo traçado semelhante aos caracteres

homónimos da l. 2, A e C respectivamente, também não deixam alternativa; restam a 1.ª, 4.ª e 5.ª. Destas só a última é de todo ilegível, mas é de presumir o I, pois foi por ele que se deu a fractura longitudinal; quanto às restantes, de formato idêntico, entre T e I, optámos logicamente pelo T.

Não se regista a invocação aos Manes, a idade com que o defunto morre, quem mandou erigir a memória. Apenas o cognome seguido de patronímico e a habitual fórmula final em siglas. Tudo é simples, à boa maneira indígena, a indiciar uma romanizção de fresca data.

A onomástica é pré-romana e já conhecida: Arco documenta-se com frequência (²) e Talticus aparece pela quinta vez (Alvega, Belver, Cáceres e Alcollarín — duas vezes). De notar que tanto Alvega como Belver são povoações próximas, respectivamente a uns 7 e 15 km de Mouriscas. O Táltico de Alvega era pai de um magistrado local no ano 37 d.C. e o seu homónimo de Belver era o pai do dedicante de uma ara na 1.ª metade do séc. 1 (³).

Pela sua tipologia, concisão do texto, paleografia e ainda pelos paralelismos evidenciados, o monumento é datável dos primórdios do Império.





**Гото** 110

<sup>(2)</sup> Cf. FE 27 e José d'Encarnação, IRCP, p. 401, nota 3.

<sup>(3)</sup> Cf. op. cit., supra, p. 23; José d'Encarnação e Rogério Carvalho, Belver ao Tempo dos Romanos, Portalegre, 1984, p. 13-15. Sobre Talticus, cf. ainda M. Lourdes Albertos, «Emerita» XXXIII 1965 p. 138 e XL 1972 p. 313.

#### 111

### FRAGMENTO DE CUPA EPIGRAFADO

**Foro 111** 

Considerado inédito por não haver notícia de que alguma vez tenha sido estudado. De mármore cinzento de Trigaches, encontra-se no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), sem n.º (não está inventariado). Vindo de Beja, trata-se realmente de uma cupa, do tipo realista da área. Conhecendo a sua proveniência e tendo estudado os padrões da estereotipia deste tipo funerário na zona, a reconstituição não é impossível, se bem que algo hipotética.

De forma aproximadamente rectangular, muito estragado pela corrosão. Visto de perfil, tem a forma de cunha. Face posterior um tanto irregular. A superfície escrita é um pouco abaulada. Restam vestígios da representação dos arcos das aduelas do lado direito e de mais ou menos metade do campo epigráfico (no sentido da largura como no do comprimento), correspondendo à parte superior direita da inscrição.

Dimensão:  $43.5 \times 23.5 \times 6$ . Campo epigráfico:  $43.5 \times 9/12.5$ .

 $\begin{array}{c} [\,\mathrm{D}(is)\,\cdot]\,\,\mathrm{M}(anibus)\,\cdot\,\mathrm{S}(acrum)\,/\,[\mathrm{C}(aius)\,?\,\cdot\,\mathrm{IVL}(ius)\,?\,\cdot]\,\,\mathrm{AEMI}\cdot/\\ [\,\mathrm{LIANVS}\,?\,\cdot]\,\,\dot{\mathrm{VIX}}(it)\,\cdot\,/\,[\,\mathrm{AN}(nis)\,?\,\cdot\,\mathrm{LX}(\,?)\,]\,\mathrm{VIII}\,(sexaginta\ et\ octo\,?)\,\cdot/\\ [\,\mathrm{H}(ic)\,\cdot\,\mathrm{S}(itus)\,\dot{\cdot}\,\,\mathrm{E}(st)\,\cdot\,\mathrm{S}(it)\,\cdot\,\mathrm{T}(ibi)\,\cdot\,\mathrm{T}(erra)\,\dot{\cdot}\,\,\dot{\mathrm{L}}(evis)\,?\,/[\,\ldots\,]/[\,\ldots\,]/[\,\ldots\,]?\,] \end{array}$ 

ou antes:

 $\begin{array}{c} [\mathrm{D}(is)\cdot] \; \mathrm{M}(anibus) \cdot \mathrm{S}(acrum) \, / \, [\mathrm{IVLIA}\,? \cdot] \; \mathrm{AEMI} \cdot / \, [\mathrm{LIANA}\,? \, \cdot] \\ \mathrm{VIX}(it) \cdot / \, [\mathrm{ANN}(is)\,? \cdot \mathrm{XL}(\,?)] \; \mathrm{VIII} \; (quadraginta\;et\;octo\,?) \cdot / \, [\mathrm{H}(ic) \cdot ] \\ \mathrm{S}(ita) \cdot \mathrm{E}(st) \cdot \mathrm{S}(it) \cdot \mathrm{T}(ibi) \cdot \mathrm{T}(erra) \cdot \mathrm{L}(evis) \cdot ? \, / \, \dots \, / \, \dots \, / \, \dots \, ? ] \end{array}$ 

Altura das letras: l. 1: 2,6; l. 2: 2,6/3; l. 3: 3; l. 4: 2,5. Espaços: 1 e 2: 0,7; 3: 1.

Parece ter havido um mínimo de cuidado na paginação: a fórmula de consagração aos Manes foi centrada (o que também pode obedecer a um hábito meramente estético). A pontuação assume um papel decorativo — é empregue sempre no fim da linha, o que provoca, por vezes, casos de syllabae punctis distinctae (l. 2/3).

Talvez se possa falar de alinhamento à esquerda, se se jogar com o número de espaços da reconstituição.

Caracteres actuários. Na l. 2, o A não tem barra e é em forma de  $\lambda$ .

A gens Iulia foi escolhida para a reconstituição por ser vulgar na zona, sobretudo por ser um gentilício utilizado em forma de sigla frequentemente. Por Aemilianus/a, poderia estar Aemilius/a, porque não é invulgar, no sul, o emprego de um gentilício como cognome (vide J. d'Encarnação, Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Coimbra, 1984, n.ºs 100 e 286). As linhas 5, 6 e 7(?) são hipoteticamente indicadas, porque, dadas as normais dimensões do campo epigráfico, haveria espaço para mais três, pelo menos. A fórmula H.S. E.S. T. T. L. é muito vulgar na zona, assim como P(osuit) precedendo a identificação do dedicante.

#### MARIA MIGUEL LUCAS



**Гото** 111

### ESTELA FUNERARIA ROMANA PROCEDENTE DE SAN MARTÍN DEL CASTAÑAR (SALAMANCA)

**Гото** 112

La estela fue encontrada en la ermita de San Benito, San Martín del Castañar (Salamanca). El Ayuntamiento la ha habilitado en el parque de San Martín.

El soporte es de granito y su cara escrita tiene forma de trapecio. Presenta una decoración muy somera que se limita a dos arcadas en forma de herradura, punteadas en su interior (1).

Dimensiones:  $119 \times 63/19 \times 35/25$ .

TANCINVS AM/BATI F(ilius) AVN[?...] / AN(norum) IV (quattuor) H(ic) S(itus) E(st) / AMBATVS / TANCINILI / F(ilius) FIL  $\langle$  I  $\rangle$ O

Tancino, hijo de Ambato, Aun..., de cuatro años, aquí yace. Ambato, hijo de Tancinilo, a su hijo.

Altura de las letras: l. 1 e 2: 6; l. 3: 5; l. 4 a 6: 6. Espacios interlineares: 1: 3; 2: 6; 3 e 4: 5; 5: 3.

Las letras son capitales rústicas. Hay un nexo — AM — en la primera linea. El formulario es corriente, siendo de destacar el error del grabador al omitir una I en la palabra final.

<sup>(1)</sup> Una arcada de forma similar en Almeida, F., Egitània, Lisboa, 1968, fig. 126. Otra en Navascués, J. M., Caracteres externos de las antiguas inscripciones salmantinas, BRAH CLII 1963 n.º 65.

Por lo que se refiere a la abreviatura AVN (l. 1), creemos que debe considerarse relativa a una gentilidad, vinculada a la raiz *auni*- que encontramos nel antropónimo *Aunia* (²).

Los nombres que figuran en la inscripción, indígenas, son sobradamente conocidos en la región. A destacar la forma *Tancinili*, no registada anteriormente (3).

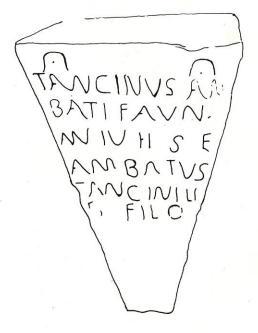
MIGUEL FIGUEROLA



**Гото** 112

<sup>(2)</sup> Registado en Egitania (Almeida, o. c., n.ºs 1 y 37), en Cáparra (CPIL n.ºs 375 y 648), en Santiago do Cacem (IRCP 153) y en Vila Viçosa (CIL II 146 = IRCP 444).

<sup>(3)</sup> Queremos agradecer la colaboración prestada por la Asociación Cultural de San Martín de Castañar al hacernos participes del descubrimiento de la lápida. Asi mismo expresamos nuestro agradecimiento a José Santolaya por las fotografías y a Francisco Fabián por proporcionarnos sus lecturas preliminares de la inscripción.



**Гото** 112